

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
BERNARDO SASSETTI – A MÚSICA COMO FICÇÃO
13 de Janeiro de 2022

ALICE / 2005

um filme de Marco Martins

Realização e Argumento: Marco Martins / **Direcção de Fotografia:** Carlos Lopes / **Direcção Artística:** Artur Pinheiro / **Guarda-Roupa:** Luísa Pinto / **Música:** Bernardo Sasseti / **Som:** Pedro Melo e Branko Neskov / **Montagem:** João Braz e Roberto Perpignani / **Interpretação:** Nuno Lopes (Mário), Beatriz Batarda (Luísa), Miguel Guilherme (colega de Mário), Laura Soveral (Lurdes), Carla Maciel (Mónica), Ana Bustorff, Gonçalo Waddington, José Wallenstein, Clara Andermatt, Ivo Canelas, Teresa Faria, Carlos Santos, etc.

Produção: Clap Filmes / Produtor: Paulo Branco / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, falada em português, 105 minutos / **Estreia em Portugal:** Alvaláxia, Fonte Nova, King e Saldanha, a 6 de Outubro de 2005.

Sessão apresentada por Beatriz Batarda e Inês Laginha (Diretora Artística da Casa Bernardo Sasseti)

Alice foi a estreia na longa-metragem de Marco Martins, realizador nascido em 1972, formado na área da publicidade, e autor de uma curiosa curta-metragem, **No Caminho Para a Escola** (1998). **Alice** teve em Portugal um bom acolhimento, crítico e público, e passou pelo Festival de Cannes 2005, integrado na secção Quinzena dos Realizadores.

Parte de uma ideia narrativa, apesar de tudo, bastante simples. O desaparecimento de uma miúda de três anos (Alice), e os modos como o pai e a mãe escolhem (admitindo que há uma "escolha") lidar com essa perda. **Alice** é um filme sobre a dor e sobre a dificuldade do luto; ou melhor dizendo, sobre a dificuldade do luto quando o próprio luto é impossível – os pais não têm uma morte para chorar, não têm nada de concreto para justificar o luto: apenas uma certeza, o desaparecimento de uma criança, e a total (e terrível) incerteza quanto ao seu destino. Um luto incompleto, um luto não-confirmado, um luto, assim, desprovido da sua função reparadora.

O pai (Nuno Lopes) e a mãe (Beatriz Batarda) reagem à dor e à incerteza de modos diametralmente opostos. Ela deixa-se cair num estado de prostração e abandono, que na altura em que o filme começa (depois haverá flashbacks) já vai avançado, e permite suspeitar que é sua própria sanidade mental que foi entretanto, danificada. Podemos também suspeitar desses danos no que toca à personagem do pai, aquela que o filme sobretudo segue. Com uma obstinação e um rigor maníaco, Mário percorre todos os dias os mesmos caminhos que percorreu com a filha no dia em que ela desapareceu. Cola cartazes um pouco por toda a cidade. Plantou câmaras vídeo em vários pontos de

Lisboa, e recolhe diariamente as cassettes, que depois visiona metodicamente em casa, em busca de qualquer indício que o ponha na pista da filha desaparecida. Os amigos e conhecidos que lhe facilitam tão bizarra "instalação" preferiam que Mário desistisse da esperança e se conformasse com a perda, de modo a fazer o luto – com palavras mais ou menos inteiras, é o que faz, por exemplo, a personagem de Miguel Guilherme, colega de trabalho de Mário (é actor) na peça que ambos representam diariamente.

Se a câmara de Marco Martins acompanha sobretudo a personagem do pai isso não acontece apenas (e já lá vamos) por aquilo a que o seu improvisado dispositivo de vigilância se presta, em termos de um olhar sobre o quotidiano urbano. É também porque na sua incessante procura de "imagens de Alice" chega a um ponto em que todas as imagens que recolhe parecem estar a dissolver a sua própria *imagem mental* de Alice. Chega um ponto em que já não capaz de dizer que imagem procura entre as imagens que vê (nos *Inrockuptibles*, Jean-Baptiste Morain chamou a Mário um "descendente do protagonista de **Blow-Up**", e é bem chamado). Aliás é mais ou menos aí, depois do episódio com a miúda que pode ser, ou pode não ser, Alice, que o filme larga Mário (e se dá por concluído). De certa maneira, a dissolução da imagem de Alice no mar de imagens recolhidas pelo pai representa uma espécie de consumação da sua morte – e, embora o filme não o explicita, uma hipótese de libertação, o ponto em que o luto de Mário pode, finalmente, começar.

Mais do que isto, no entanto, o que faz a força de Alice é a melancolia com que o filme acompanha o percurso de Mário, e o desenho que através dele traça de uma cidade cinzenta e chuvosa, em parte contrariando alguns esteréotipos, bastante expandidos, sobre a cidade de Lisboa – e isto é muito curioso tratando-se Marco Martins de um realizador vindo da publicidade: uma imagem de Lisboa que está muito perto de ser "contra-publicitária". As deambulações de Mário, longas e silenciosas, enquadradas pelo tráfego automóvel e pelo movimento dos transeuntes, vêem estas qualidades serem ampliadas pelas imagens devolvidas pelas várias câmaras que ele espalhou; e é porventura sempre que o filme nos deixa a sós com elas, fazendo-nos tomar o ponto de vista de Mário à procura de qualquer coisa que seja algo mais do que pura indistinção, que acontece o melhor de **Alice**, e se produzem as suas mais candentes figuras de melancolia.

Luís Miguel Oliveira